



Mr. Brian, delegado francês, assinando o tratado.

DEPOIS de longas e laboriosíssimas sessões, muitas vezes ameaçada de redundar num fracasso completo, encerrou-se a Conferência Naval de Londres. Não saiu dela, como esperavam os optimistas, acôrdo algum que nos prometa inofensivamente um período de Paz; muito pelo contrário. As restrições impostas à limitação dos armamentos navais, por parte dos respectivos representantes das nações em tal Conferência, traduziram mal encapotadas ambições, deixaram vislumbra-rem desejos de não abandonar posições privilegiadas, alcançadas no transcurso dos últimos anos.

Três grandes potências jogaram fortemente nesta emaranhada discussão de Londres: a Inglaterra, os Estados-Unidos e o Japão.

A Inglaterra, apesar do seu governo trabalhista, não abdicou das suas ideias de supremacia no mar, alegando, e com fundamento, que o seu vastíssimo e parcelado Império necessita de uma frota digna. A Inglaterra sabe muito bem que, graças à sua esquadra, limpou os mares dos navios alemães, na transacta guerra de 1914-1918, assegurando assim as comunicações entre as colónias e a metrópole, base indispensável para a Vitória.

Eis porque, mesmo sob um governo trabalhista, se providenciou

A Conferência Naval de Londres

OS TRÊS GIGANTES DOS MARES — A INGLATERRA, OS ESTADOS-UNIDOS E O JAPÃO — A INGLATERRA QUER MANTER A MONIA MARÍTIMA — OS ESTADOS-UNIDOS PREVINEM-SE CONTRA PROVÁVEIS GUERRAS — O JAPÃO PREPARA-SE... — A INGLATERRA E A ITALIA INCONCILIÁVEIS.

energicamente no sentido de se dotar Singapura de todos os meios materiais para servir de base à Esquadra Inglesa nos Mares Orientais, base essa de incalculável importância para possíveis futuras operações, quer no Índico, quer no Pacífico. Singapura é actualmente um dos eixos do poderio marítimo da Inglaterra; é o baluarte de defesa, de vigilância contra qualquer perigo que sobrevenha de Leste sobre a Índia ou Austrália.

A Inglaterra necessita, pois, de uma frota tal que estabeleça uma íntima ligação entre os vários núcleos do Império, desde os Mares Orientais até aos Ocidentais, desde Hong-Kong, por Singapura, Aden, Sués, Malta, Gibraltar até à Inglaterra, e daqui pelas Bahamas e Falkland e Nova-Zelândia novamente até Singapura. Por aqui se pode calcular quão numerosa frota de guerra deve e quer possuir a Inglaterra para defesa da integridade dos seus territórios.

Os Estados-Unidos fizeram sentir também a sua vontade firme de manterem uma grande esquadra, não inferior à da Inglaterra, na qual adivinham uma futura adversária; não obstante as amenas e espectaculosas conversas de Mac Donald com Hoover.

Efectivamente, os Estados Unidos, que estão em pleno desenvolvimento imperialista, prevêem o choque, mais ou menos próximo, dum lado com a Inglaterra, doutro lado com o Japão. Compreende-se, pois, claramente o pensamento do governo norte-americano no tocante à marinha de guerra: deseja-a tão forte que possa contrabalançar a força anglo-japonesa.

O problema apresenta-se bastante difícil para os Estados Unidos, pois tem de dividir a sua atenção pelas duas esquadras: a do Atlântico e a do Pacífico, que devem ser igualmente poderosas em relação às duas rivais respectivas: a inglesa e a japonesa. E' certo que, pelo Canal de Panamá, se pode fazer a junção das duas frotas e, por isso mesmo, está elle na posse dos Estados Unidos que o armaram for-



Os delegados à Conferência Naval de Londres.

Conferência de Londres

OS MARES. A INGLATERRA, OS ESTADOS UNIDOS — A INGLATERRA QUER MANTER A HEGEMONIA — OS ESTADOS UNIDOS PREVINEM-SE CONTRA AS — O JAPÃO PREPARA-SE... — A FRANÇA E A ITÁLIA INCONCILIÁVEIS.

midavelmente. Mas o Canal do Panamá, milagre da engenharia moderna e da tenacidade americana, está condenado a ficar inutilizado dum momento para outro, quer por um accidental deslocamento de terras, caso frequente nessa região, quer por um audacioso atentado



Mr. Reihiro Wakatsuki, delegado do Japão, assinando.



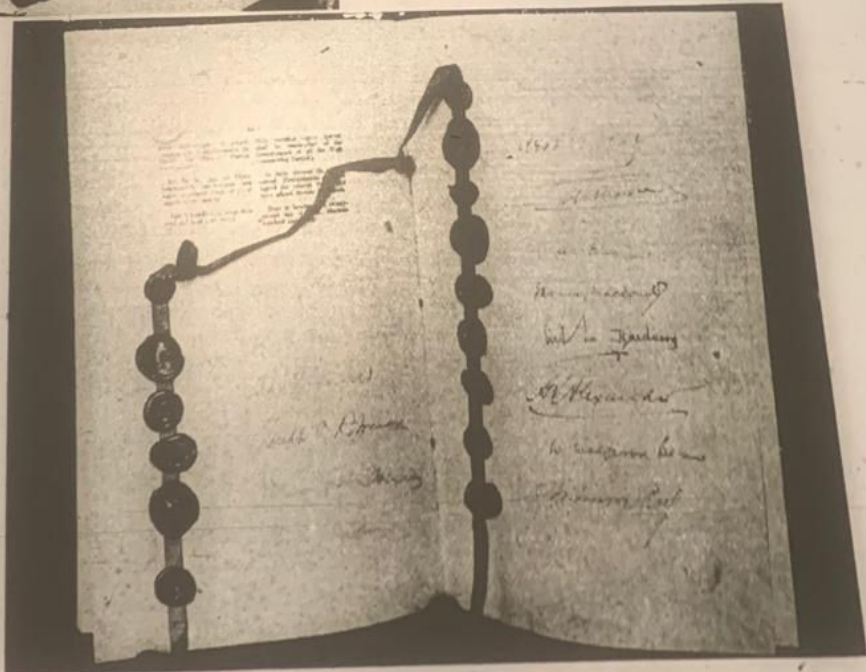
MacDonald assinando.

ou um ataque fulminante do inimigo. Compreende-se, pois, a preocupação constante dos norte-americanos em abrir um outro canal na América Central, qual seja o da Nicarágua, a fim de garantir as fáceis e rápidas comunicações entre as duas frotas, que, em separado, não muito dificilmente poderão ser aniquiladas.

Os Estados Unidos desde muito que esperam a guerra com o Japão. Ela terá como teatro principal o Pacífico. Eis porque os Estados Unidos se mantêm e manterão nas Filipinas, base magnífica para um ataque sobre o Japão. Eis porque os Estados Unidos transformaram as ilhas Hawai numa formidável base naval, guarda avançada do litoral californiano.

O Japão, depois da estrondosa vitória sobre a Rússia em 1905, ficou marcando no equilíbrio político do Pacífico, futuro campo de batalhas. O Japão vê nos Estados Unidos um inimigo natural, que, na China, tão agitada nos últimos tempos, lhe tem criado manhosamente sérias dificuldades. O Japão, enfermado de um «over-population» formidável, procura, por ora, um vasadouro natural na Coreia e já na

A última página do tratado com as assinaturas dos delegados.



Mandchúria; amanhã serão as Filipinas e possivelmente a Austrália invadidas por esses japoneses laboriosos, procurando terras para viver, terras que escasseiam na sua Pátria. Então, a Guerra será inevitável com os Estados Unidos, com a Inglaterra. Mas, por ora, tudo indica que o entendimento entre o Japão e a Inglaterra é perfeito, o que nada satisfaz aos Estados Unidos.

Mas, apesar de todas as dificuldades enunciadas, um entendimento entre as três grandes potências navais sempre foi possível. O mesmo não aconteceu entre a França e a Itália. A irreductibilidade dos delegados desta, filha dum imperialismo perigoso, acirrado pela imprensa fascista; irreductibilidade que, de hoje para amanhã, se pode transformar numa louca agressividade, impediu qualquer combinação com a França. Esta, detentora de um vasto império colonial, sentiu-se com direito a pedir uma frota superior à da Itália, com o que esta não concordou, alegando que, a consentir-se tal, ficaria ela, Itália, numa situação de inferioridade no Mediterrâneo, ameaçadora para a sua integridade.

Chegarão a França e a Itália a entender-se? Parece-nos bem que não. MACEDO MENDES